

# Sarney assume o combate à crise

## Contas feitas, começa a ofensiva em favor do entendimento

A. C. SCARTEZINI  
Especial para o CORREIO

Ao tomar o avião para Belo Horizonte, o presidente Sarney assinalou a vontade política de assumir o comando dos entendimentos políticos e passar à ofensiva sobre as pressões da crise em geral, uma saída que procura para preencher o vácuo de poder antes que um aventureiro passe as mãos pela coroa.

A nova rota começou a se desenhar, para o público externo, na última quinta-feira, no momento em que Sarney recebeu um grupo de 14 deputados do PMDB para uma audiência que seria de rotina no Planalto. "O Presidente mudou o assunto e desviou a audiência", estranhou, no dia seguinte, o deputado Hélio Duque (PMDB do Paraná).

A pauta dos deputados incluía apenas questões administrativas e foi desviada logo no começo da conversa, quando Sarney começou a falar — e não parou mais — sobre a necessidade de um entendimento político capaz de superar todas as crises em circulação no mercado. "A crise é política", generalizou o Presidente.

A revelação de Sarney disparou uma série de manifestações em que líderes políticos procuraram ocupar espaço nos jornais como autores ou personagens importantes das negociações sociais que se abriam. "Muita gente se assanhou", constatou com amigos o líder do PDS, deputado Amaral Netto.

Espocaram, ao mesmo tempo, manifestações como a do senador Marco Maciel, presidente do PFL, que tratou de convocar os jornalistas disponíveis para defender o entendimento. Líder do PMDB, o deputado Luis Henrique disse que passariam pela sua sala as conversas. Atento aos jornais, o deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB de Pernambuco) também foi à luta.

A viagem a Belo Horizonte, porém, assinala que o presidente Sarney é o dono da bola. Esboçada há precisos dois meses, realizou-se ontem, três dias antes da reunião do comando do PMDB para decidir sobre a convenção que pode definir o tamanho do mandato presidencial.

### ORDEM NA CASA

Com essa ofensiva, Sarney avança sobre o PMDB para colocar ordem na casa, desarrumada pela ausência do dono e dividida por grupos à procura de espaço no partido. Contar os grupos diversos foi um exercício constante nos últimos dias, no Planalto e na residência do presidente do partido, Ulysses Guimarães.

"É preciso levantar os grupos que podemos atrair", aconselhou o ministro Raphael de Almeida Magalhães numa das últimas sessões na casa de Ulysses, que o ministro da Previdência freqüentava com o mesmo desembaraço com que circula pela intimidade de Sarney. Afinal, acredita Raphael que não há uma disputa entre Sarney e Ulysses, parceiros de um mesmo projeto.

A existência de grupos é questionável, na medida em que eles não se organizam rigidamente. "Temos o deputado Virgildásio de Senna como exemplo", sugere o deputado Francisco Pinto que o comportamento de seu companheiro do PMDB da Bahia seja examinada para efeito de classificação entre grupos:

— Em determinada subcomissão da Constituinte, o Virgildásio assume uma posição ideológica. Em outra, a posição muda. Dentro do PMDB, nem as estratégias e propostas ideológicas a longo prazo conseguem manter grupos permanentes. Existem políticos em busca da autovalorização, que procuram aparecer como líderes de um grupo mas o que os move é apenas a vontade de se destacar.

A necessidade de se valorizar atinge sobretudo deputados em primeiro mandato. Leva, por exemplo, o rondoniense Expedito Júnior, nos seus 23 anos, a se unir ao paraibano Cássio Cunha Lima, com a mesma idade, para organizar um grupo de jovens. Sem a mesma juventude, o mineiro Hélio Costa, aos 47 anos, procura Expedito e Cássio e propõe uma mudança: em vez de Grupo Jovem, Grupo Novo.

Qual é a diferença? No Grupo Jovem do PMDB, o risco de que Expedito e Cássio sejam os únicos sócios, pois não entram na deles colegas como a capixaba Rita Camata, em seus 24 anos. No Grupo Novo, há lugar para todos os deputados e senadores em primeiro mandato. Aceita a proposta. Abrem-se as inscrições ao clube, mas o que une os sócios além do primeiro mandato?

### SEGREDO

A falta de consistência ideológica é o mal que assola o Centro Democrático,

um grupo de políticos conservadores que procura se organizar para hostilizar a liderança de Ulysses Guimarães e prestigiar José Sarney. "O documento de vocês é infantil, chocho e sem sentido", rechaçou o conservador deputado paulista Roberto Cardoso Alves, na quarta-feira, a sua adesão ao grupo.

O documento é um segredo que os componentes do Centro Democrático, sob o comando do deputado cearense Expedito Machado, não exibem em público porque não há uma idéia mais profunda a uni-los, a não ser o desejo de esvaziar Ulysses e fortalecer Sarney em troca de atenções fisiológicas.

Outro segredo do grupo é a composição. Quantos eles são? "Somos mais de 120 na Câmara e podemos passar dos 20 no Senado", assegura o deputado mineiro Marcos Lima. "Eles podem passar de 70 na Câmara, mas não passam de 80", avalia Hélio Duque. A composição precisa do grupo será exatamente a da lista de adesões ao documento infantil.

Na linha do documento, conheceu-se na semana passada a proposta do deputado paranaense Borges da Silveira por um sistema parlamentarista em que o primeiro-ministro seria um funcionário do presidente da República, que teria ainda direito a seis anos de mandato. Infantil, a proposta foi rechaçada.

Agora, os amigos do Presidente tentam reaproveitar o parlamentarismo proposto pelo senador gaúcho José Fogaça, que também procura salvar os ministros militares de destituição pelo Parlamento. Os ministros militares seriam uma reserva de mercado do Presidente, o único que poderia nomear e demitir, o que estranha o deputado Hélio Duque.

— Por que um ministro militar é mais importante do que o ministro da Reforma Agrária na manutenção da estabilidade social? Qual é a diferença entre eles? Por que os militares são mais ministros do que os civis?

A questão parlamentarista surge nos debates da Constituinte como a resposta à crise em geral e ao vácuo de poder — como reage agora o presidente Sarney em busca do entendimento político. Mas será difícil evitar o parlamentarismo. "O parlamentarismo se tornou inevitável e resta apenas saber qual parlamentarismo teremos", julga o deputado mineiro Israel Pinheiro Filho.

E uma realidade do jogo constituinte. Trabalha-se com o parlamentarismo como uma questão inevitável sujeita apenas ao modelo particular de cada um, como a duração do mandato presidencial. "A duração do mandato está subjacente em todos os atos de Sarney", julga Chico Pinto, que a viagem a Belo Horizonte levou o mandato no fundo falso da mala do Presidente.

### PAPEL DE ULYSSES

Outra realidade que avança sobre a bancada do PMDB na Constituinte é a de que a redução da influência de Ulysses não pode chegar a zero. "O Ulysses precisa ser preservado pela qualidade que tem de líder e a saída que procuramos", considera Israel Pinheiro Filho que a falta de outros líderes disponíveis não permite que se descarte Ulysses por inteiro.

Com um mergulho na história, observa Chico Pinto a potencialidade de mudanças pessoais que Ulysses ostenta e que sempre o tornam reaproveitável, desde que os recicladores entendam uma regra permanente:

— Ulysses só pensa nele mesmo.

A questão é demonstrar a Ulysses que existem novos projetos pessoais e, então, desviá-lo de rota. Foi assim em 1973, quando Ulysses era contra a anticandidatura presidencial do MDB, reciclou-se e tornou-se o anticandidato. Repetiu-se em 1986 com o Cruzado. Agora, pode vir a ser nos entendimentos de Sarney.

Para começar, Ulysses não comanda hoje um grupo parlamentar expressivo que se possa considerar seu aliado em qualquer circunstância. "Ulysses é apenas um referencial para pessoas que ora se aproximam e ora se afastam dele", nota Chico Pinto. "Ele não tem um grupo permanente".

Nem o chamado grupo do "Poire" é permanente ou apenas de Ulysses. O clube abriga Raphael de Almeida Magalhães e Renato Archer, que são também ministros de Sarney. Raphael é sócio relativamente recente no grupo, assim como Archer é amigo velho de Ulysses e recente de Sarney. Ninguém de maior expressão está na turma.

"Ninguém quer jogar Ulysses ou Sarney no mar", reforça Hélio Duque a possibilidade do projeto geral para a crise.

AG



Costa Couto e Newton Cardoso recebem Sarney e dona Marly em Minas

## Presidente faz visita a Minas

Belo Horizonte — O presidente José Sarney chegou ontem pela manhã, em Belo Horizonte, desembarcando às 9h18 no setor militar do Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica, na Pampulha, acompanhado por Dona Marly Sarney e os chefes do Gabinete Militar, Rubem Bayma Denny, e do SNI, Ivan de Souza Mendes. Sarney foi recebido pelo governador Newton Cardoso e o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto.

Imediatamente, o Presidente se dirigiu ao helicóptero do Exército que ali estava estacionado, juntamente com Newton Cardoso, os ministros militares e o do Gabinete Civil, embarcando para a fazenda Rio Rancho, de propriedade do governador, na cidade de Pitangul, que fica a cerca de 150 quilômetros da capital mineira.

### SO LAZER

A visita do Presidente à fazenda de Newton Cardoso foi acertada há dois me-

ses, quando o governador convidou Sarney para passar o fim de semana em Minas. Ao confirmar a vinda, na noite de sexta-feira, o governador disse que a viagem seria tipicamente de lazer e que a política não faria parte das conversas. "Vamos falar de gado, de lavoura, vamos comer comida mineira, o Presidente vai descansar", disse Newton.

Mas a presença dos ministros Ronaldo Costa Couto, Bayma Denny e Ivan Souza Mendes surpreendeu o governador, que contava estar o Presidente desacompanhado.

A movimentação no setor militar do aeroporto da Pampulha começou por volta das 8h com a chegada dos dois helicópteros do Exército que permaneceram no local até a chegada do Boeing presidencial. O governador Newton Cardoso, por sua vez, chegou ao hangar do governo às 9h, a fim de receber o ministro Ronaldo Costa Couto. Em seguida, os dois se dirigiram para o local onde o

Presidente da República iria desembarcar.

As 9h10m, o Boeing da Presidência da República aterrizou na Pampulha. Vinte minutos depois dos dois helicópteros deixarem o aeroporto com destino à fazenda do governador Newton Cardoso.

A comitiva do presidente José Sarney chegou à fazenda por volta das 10h. Pela manhã, o Presidente dedicou seu tempo a conhecer a fazenda.

Os repórteres não tiveram acesso à fazenda do governador Newton Cardoso, como ocorreu em outras ocasiões. Somente foi possível ver o Presidente através das teleobjetivas, pois a portaria que dá acesso à fazenda fica a 500 metros da sede.

O governador Newton Cardoso não revelou nada sobre o encontro, preferindo dizer que "não tratamos de outros assuntos a não ser amenidades". Ele voltou a defender um mandato de cinco anos para Presidente e disse que Minas Gerais o apóia integralmente.

## Política fica fora do cardápio

O presidente José Sarney passou ontem seis horas na Fazenda Rio Rancho, de propriedade do governador de Minas Gerais, Newton Cardoso. Segundo o ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Ronaldo Costa Couto, a visita de Sarney foi "pessoal" e atendeu a convite formulado pelo governador há cerca de um mês. O ministro garantiu que durante o encontro do governador com o Presidente não se falou de política.

Sarney retornou ontem mesmo a Brasília, desembarcando na Base Aérea às 17h30, e foi de helicóptero para o seu sítio de São José do Pericumã, onde vai passar o domingo descansando, segundo informação de Costa Couto.

A viagem de Sarney era para ter sido realizada no dia 2 deste mês, mas diante do clima de mudança na equipe ministerial ele tinha transferido para outra data. A decisão de viajar ontem foi tomada na quinta-feira, mas Sarney não a comunicou ao porta-voz da Presidência, jornalista Frota Neto. A falta de comunicação do Presidente

foi interpretada pelos jornalistas que foram à Base Aérea de Brasília esperá-lo, como um rompimento ao pacto firmado, na semana passada, com os jornalistas credenciados.

Sarney tinha prometido informar ao porta-voz todas as suas atividades e sempre que fizesse uma viagem daria uma entrevista explicativa aos jornalistas. Mas Costa Couto disse que não houve rompimento, por que a viagem foi de caráter particular. Também foi vetada a entrada imprensa na Base, e o seu comandante, coronel Adalberto, garantiu que a ordem partiu do Palácio do Planalto garantiu que a ordem partiu do Palácio do Planalto. CONVERSAS AMENAS

Em Belo Horizonte, o ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira, afirmou que o encontro entre o presidente José Sarney e o governador de Minas "não foi propriamente uma reunião. Foi uma recepção de cortesia, quando o Presidente aproveitou para conhecer a fazenda do governador".

Aníbal Teixeira, que também participou do al-

moço na fazenda Rio Rancho com o presidente Sarney, Newton Cardoso e os ministros do gabinete Militar, Bayma Denny, do SNI, Ivan de Souza Mendes, do gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, salientou que "eu mesmo fui surpreendido com esta viagem do Presidente. Estava no Rio de Janeiro e fui comunicado de sua estada em Minas Gerais através de um telefonema".

Sobre as conversas amenas, o ministro revelou que foram gerais e sobre problemas ligados à pecuária, à agricultura de uma fazenda, enquanto comíamos uma comida mineira bem típica — galinha ao molho pardo e tutu à mineira — e o resto girou em torno de amenidades. O presidente Sarney está muito bem disposto, juntamente com dona Marly e gostaram muito do passeio".

Ao ser indagado se não seria mais fácil Newton Cardoso ir a Brasília para ter conversas amenas com o presidente Sarney, Aníbal Teixeira disse que Go governador já esteve várias vezes em Brasília e o Presidente resolveu retribuir as visitas".